Revista Espaço Acadêmico – n. 230 – set./out. 2021 – bimestral
ANO XXI – ISSN 1519.6186

Território sagrado em Teresina-PI: uma análise da novena de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro

FELIPE IBIAPINA*

Resumo: Este trabalho é produto da dissertação do autor, que se desenvolveu no âmbito da Geografia Humana, tendo como tema as Territorialidades Sagradas da cidade de Teresina-PI. Para o artigo, adere-se como recorte o catolicismo, mais especificamente, a celebração católica mais popular de Teresina, a Novena de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Intenta-se compreender: Como se forma a territorialidade da Novena de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro em Teresina e, de que forma os seus símbolos religiosos organizam o território do culto. Metodologicamente, orienta-se a partir do método de Estudo de Caso Etnográfico de Martucci (2001), construindo um corpus textual a partir das anotações no diário de campo, fruto das observações do pesquisador, bem como das entrevistas com o Pároco responsável pela celebração. Para a análise e interpretação do material coletado, utiliza-se a Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977).

Palavras-chave: Territorialidade; Religião; Espaço-Sagrado; Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

Sacred territory in Teresina-PI: an analysis of the celebration of Our Lady of Perpetual Help

Abstract: This work is the product of the author's dissertation, which was developed within the scope of Human Geography, with the theme of Sacred Territoriality in the city of Teresina-PI. For the article, focused to Catholicism, more specifically, the most popular Catholic celebration in Teresina, the Celebration of Our Lady of Perpetual Help. It is intended to understand: How the territoriality of the Celebration of Our Lady of Perpetual help in Teresina is formed and how its religious symbols organize the territory of worship. Methodologically, it is guided by the method of Ethnographic Case Study (MARTUCCI,2001), building a textual corpus from the notes in the field diary, as a result of the researcher's observations, as well as from the interviews with the father responsible for the celebration. For the analysis and interpretation of the collected material, Content Analysis method is used (BARDIN, 1977)

Key words: Territoriality; Religion; Sacred-Space; Our Lady of Perpetual Help.

* **FELIPE IBIAPINA** é Arquiteto e Urbanista. Mestre em Geografia-UFPI; Doutorando em Desenvolvimento Urbano-UFPE.

Introdução

O artigo constitui um desdobramento da dissertação do autor, intitulada "Territorialidades Sagradas: religiosidades católica e afro-brasileira na Zona Norte de Teresina". Como expresso no título, a pesquisa se desenvolveu a partir do binômio Cidade e Sagrado, concentrando-se em duas vertentes religiosas tradicionais da capital piauiense: o catolicismo e as religiões de matriz africana. Neste artigo, o recorte adotado é a Novena de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, celebração do catolicismo (popular) que acontece há mais de meio século no bairro Vila Operária, Zona Norte de Teresina-PI.

Teresina foi planejada no século XIX para ser a nova capital da província do Piauí e, na ocasião, a construção da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Amparo foi fator determinante para conquistar o apoio da população (CHAVES, 1987). A Igreja, erigida no "coração" da malha urbana, foi acompanhada, em seu ato de fundação, por uma procissão da imagem da padroeira que partiu da Vila do Poti até o novo templo, fato que veio estimular o deslocamento da residência dos moradores dessa vila para o novo sítio. A peregrinação retratou a modernização, que se buscava no momento com a instituição da capital projetada. A religiosidade e o Sagrado tiveram papel relevante nesse processo, e seus símbolos foram os principais modeladores do espaço urbano (AUTOR, 2018).

Contemporaneamente, com a secularização do espaço público e das políticas de planejamento e gestão urbanas, em razão da laicidade do Estado, e da ascensão dos "templos de consumo", os shoppings centers, símbolos da cidade capitalista, observa-se que a atuação da Igreja Católica na constituição do espaço urbano se dá a partir de novos formatos (AUTOR, 2018). O presente artigo concentra o olhar na maior celebração religiosa de Teresina, a Novena de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, e busca compreender: Como se forma a territorialidade da Novena de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro em Teresina e, de que forma os seus símbolos[1] religiosos organizam o território do culto?

O templo é uma das formas materiais mais cognoscíveis da conexão que o homem realiza com o Sagrado. Enquanto marco arquitetônico, é parte fundamental da construção simbólica do fenômeno religioso. Todavia, refletindo sobre a definição antropológica de Geertz (2015) que traz como perspectiva para os estudos de religião a noção de "sistema simbólico" composto por *ethos* e cosmovisão próprios, parte-se do pressuposto de que o templo nem sempre é capaz de abarcar a experiência com o sagrado, haja vista que a dinamicidade que é própria da sociabilidade dos fiéis tem capacidade criativa e, como será observado no caso concreto, está apta para reinscrever o território do culto, alterando a relação com o espaço público, a partir da conexão do espaço interno do templo com o externo.

[1] A definição de símbolos trazida por Geertz (2015, p.69) é de "formulações tangíveis de noções, abstrações da experiência fixadas em formas perceptíveis, incorporações concretas de ideias, atitudes, julgamentos, saudades ou crenças". No âmbito do Sagrado, eles representam a visão de mundo dos sujeitos e delineiam o *ethos* – hábito fundado pelo caráter, a partir de disposições e motivações morais e estéticas.

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa com um tipo de estudo descritivo, analítico e interpretativo. Como método, aderiu-se ao estudo de caso etnográfico que, segundo Martucci (2001, p.167), parte da perspectiva social dos sujeitos em ação, "que agem de acordo com os sentidos que constroem para todos os objetos com os quais interagem na vida cotidiana, considerando essa construção de sentidos um processo constante de formação".

Para a interpretação dos dados, toma-se como base de referência a análise de conteúdo de Bardin (1977). A escolha se deu em razão da necessidade de adotar uma técnica que pudesse produzir inferências de um texto a partir do contexto social cujo discurso se insere. Busca-se, "construir indicadores e cosmovisões, valores, atitudes, opiniões" (BAUER; GASKELL, 2015, p. 192) que sirvam de base para tecer considerações científicas acerca da problemática lançada.

Nessa abordagem, foi trabalhado o corpus formado pelos dados retirados das fontes monográficas, sites institucionais – como os das Paróquias e Diocese da Igreja Católica –, e produzidos durante a pesquisa. A análise foi pautada nos substratos textuais retirados de fontes preexistentes; oriundos da transcrição das entrevistas; anotações realizadas em campo, na observação *in loco*.

Aspectos da territorialização católica em Teresina

O conceito de território, e suas derivações, pode ser lido, no âmbito epistemológico da Geografia, como um espaço qualitativo que se estrutura a partir de uma ou mais relações de poder. Em termos morfológicos, ou seja, quanto à geometria da forma, os territórios podem estar inscritos espacialmente de modo fixo ou virtual – este último ocorre quando a estrutura de poder se erige e desativa em uma dada periodicidade –. Ainda, é possível que a rede territorial seja difusa, do ponto de vista espacial, o que costuma ser mais observado no âmbito cultural, como o religioso (RAFFESTIN, 1993).

Para versar sobre a experiência religiosa, ou seja, fenômeno cultural, fundado sobre o espaço simbólico, bem como tratar do alcance das ações da Igreja na esfera comunitária, faz-se apropriado recorrer a outro conceito, que se institui a partir do Território, trata-se da Territorialidade. Raffestin (1993) a concebe como um conjunto de relações que envolvem os sujeitos, dado território e a exterioridade, consistindo na "face vivida" e "face agida" do poder.

A territorialidade consiste na dimensão vivida do fenômeno que funda o território, estabelecida, espacialmente, através da oscilação entre os pontos fixos e móveis – lugares e itinerários – compreendendo desde o território, marcado pela identidade, como também, o espaço que se abre para a liberdade, na circunscrição da exterioridade (BONNEMAISON, 2002).

Pode-se dizer que a territorialidade sugere uma morfologia mais orgânica, e dinâmica, uma vez que ela se inscreve na subjetividade do grupo, materializando-se a partir das ações desse grupo no espaço. O território, ao contrário, alude à matéria topográfica, o chão, o limite, estando, geralmente, atrelado a estratégias para a expansão, ou conservação do poder.

Nesse sentido, cumpre tratar da territorialização das religiões, entendida como um processo de expansão do poder

institucional da Igreja[2], a partir da ampliação das suas redes pela conquista de novos espaços sociais. Raffestin (1993) destaca que, nestas relações de poder, a primazia é dada ao controle de energia e informação, agindo sobre os homens, recursos e espaços.

> Sendo uma organização, toda igreja se comporta da mesma maneira que qualquer outra organização: procura se expandir, reunir, controlar e gerenciar. Procura codificar todo o seu meio. A codificação pelo sagrado é até mesmo muito eficaz, pois tende a isolar do resto os homens, os recursos e os espaços que são codificados. Em certos casos, foi a codificação religiosa que precedeu à codificação do Estado e este último até mesmo dela procedeu (RAFFESTIN, 1993, p. 127).

A dinâmica de territorialização impetrada pela Igreja Católica Apostólica Romana, no Brasil, guarda peculiaridades que condizem com as condições sociais, políticas e econômicas desta terra, acompanhando as transformações estruturais ocorridas desde o Período Colonial até a contemporaneidade, num processo de adaptação à conjuntura vigente (AUTOR, 2018).

De acordo com Gil Filho (2001), o advento da separação dos poderes religioso e estatal, ocorrido no séc. XIX, fez com que a Igreja Católica se aproximasse cada vez mais da Sé Romana, adotando uma estrutura administrativa piramidal, salvaguardada as competências de cada instância de poder.

No topo, tem-se a Santa Sé – sediada no Vaticano – seguida pelo Conselho Episcopal Latino-Americano – circunscrição continental na qual o Brasil está inserido –, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), Dioceses/ Arquidioceses e, na base, a Paróquia (GIL FILHO, 2001).

A Paróquia é o segmento que guarda maior aproximação com o corpo de crentes, qualificando a mesma como o sustentáculo do território católico. Gil Filho (2001) destaca a revitalização desta instância clerical durante o século XX na busca pela institucionalização das práticas devocionais do catolicismo popular, alinhando essas manifestações religiosas aos preceitos da CNBB.

O intento de abarcar o catolicismo popular – marcadamente caracterizado pela alcunha devocional aos santos e aos títulos de Jesus e Maria, erigido num modelo de conexão direta entre o indivíduo e o Sagrado (ROSENDAHL, 1996) – revela uma estratégia de territorialização da Igreja, visando aumentar o número de fiéis "praticantes" subordinados ao poder institucionalizado que emana do clero regular. Concorda-se com Gil Filho (2001) ao entender que é através das ações desenvolvidas na paróquia que esses fiéis são envolvidos.

> Novos instrumentos de devoção foram introduzidos, novos santos, novas práticas, e houve a transformação da paróquia em um espaço de poder [...]. As firmes bases de sustentação da hierarquia estabeleceram as novas relações de poder que consubstanciam o domínio da Igreja no Brasil até o fim do século XX (GIL FILHO, 2001, p. 139).

Apesar dessa abertura estratégica da Igreja Católica, rememora-se uma análise realizada por Gil Filho (2001) acerca do contexto religioso do final do

[2] A Igreja, enquanto instituição, é definida por Durkheim (2008) como uma comunidade de crentes e sacerdotes envoltos à mesma fé.

século passado que parece atual. A maioria dos fiéis permanece à margem do poder institucional da Igreja, em modelos devocionais particulares. Porém, ainda que se fuja do poder pastoral, estes "não-praticantes" contribuem para a sustentação do imaginário domínio católico no país, atuando na representação de uma identidade coletiva que reforça o poder dos territórios católicos.

A proposta de investigação que este artigo adere não se atém aos territórios católicos regidos pelo poder pastoral institucionalizado. Busca-se, no entanto, adentrar em uma perspectiva mais complexa, que são as celebrações devocionais, no caso, a Novena de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

Fundando a territorialidade a partir da celebração mariana

A importância das celebrações religiosas reside no fato de que, é no transcurso das mesmas, através dos rituais, que se valida a crença, em que, através dos símbolos impressos nas cerimônias, o devoto é levado a transcender para a esfera do sagrado. Geertz (2015) destaca que os rituais induzem a disposições nos indivíduos que se desenvolvem fora do espaço ritual. Nesse processo, as concepções religiosas são confirmadas, reforçando nos sujeitos a cosmovisão e o *ethos* relativo à religião que, de forma prática, se expressa através da sociabilidade do sujeito em suas relações comunitárias. Assim, a celebração/ritual pode ser entendida como epicentro de poder que rege uma territorialidade sagrada.

A Novena de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro que acontece toda terça-feira na Igreja de São José Operário, bairro Vila Operária, tornou-se uma demonstração pública da fé católica e, sobretudo, da fé que se tem na intercessão de Maria ante os problemas enfrentados na vida cotidiana. Os devotos veneram a Virgem pelo título de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, confiantes que suas suplicas serão atendidas.

No ano de 2017 a novena completou 58 anos de atividade, sob a coordenação dos Padres da Congregação do Santíssimo Redentor. O Padre Carlos Alberto, pároco em exercício na Vila Operária diz atribuir o sucesso da celebração religiosa à tradição oral, fruto do testemunho dos fiéis que tem sido proclamado no âmbito de suas famílias e comunidades.

> Pela própria experiência de escutar as pessoas, é, aqueles relatos que as pessoas falam das graças que alcançam, e até de milagres né, segundo o relato das pessoas, que a gente atribui a exatamente isso, são sinais de Deus na vida dessas pessoas pela intercessão de Nossa Senhora naquele título de Perpétuo Socorro. Com certeza essas experiências são contadas, são passadas, é, de família para família, de amigo para amigo, e isso sem dúvida vai atraindo outras pessoas. A própria história, né, dessa perpetuação da novena por já quase sessenta anos de intensa experiência aqui na paróquia, então se deve exatamente a isso, as pessoas vão e falam (MARTINS, 2017).

Esse caráter da celebração faz refletir sobre o poder fundador da territorialidade desse Sagrado. Nesta análise, não há que se relacionar a novena diretamente com a Paróquia. Apesar de acontecer nesta última, a celebração mariana ganhou autonomia à medida que reuniu um público diferenciado, basta comparar a quantidade de fiéis efetivos da paróquia com os da novena, apresentando a última – mais de vinte mil pessoas – um número bem maior (AUTOR, 2018).

> A maioria, pelo menos a gente sente que é o pessoal que professa a fé cristã católica, inclusive, muitos deles estão participando nas outras paróquias em Teresina. Tem até aqueles que participam das pastorais, dos grupos, dos movimentos, né, em suas paróquias, mas toda terça-feira estão aqui rezando a novena. [...] a devoção à Nossa Senhora é, está para além, também, da fé cristã católica (MARTINS, 2017).

Mais do que o poder pastoral que o clero exerce sobre os devotos, vê-se que é a figura carismática[3] de Maria que atrai os sujeitos. A imagem da serva fiel, piedosa e misericordiosa, transmite um modelo de resignação e de amor ao próximo que funda o carisma subjetivo.

A Novena segue uma dinâmica diferenciada, estruturando uma territorialidade própria, independente do território paroquial. Essa independência pode ser visualizada, de imediato, na atribuição que é dada pelos fiéis participantes dessa devoção mariana à igreja, referindo-se à mesma como igreja de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e não igreja de São José Operário, padroeiro oficial.

A igreja, em razão da novena, torna-se um ponto de destaque na malha urbana da cidade, referência imagética criada nos mapas mentais das pessoas. Recentemente reformado, o templo encontra-se implantado de forma aberta, inserido em uma praça que, durante as terças-feiras – dia que acontece a celebração à Maria – tem sua paisagem modificada pelos carros que lhe arrodeiam; o fluxo de entrada e saída de centenas de pessoas a cada meia hora do dia; e, sobretudo, as barracas montadas com comida, artigos religiosos e não-religiosos que constituem uma atividade comercial, profana. Sobre a relação que se estabelece entre Sagrado e Profano[4]:

> Para o devoto, essa Igreja participa de um espaço diferente da rua onde ela se encontra. A porta que se abre para o interior da Igreja significa o limite que separa os dois espaços, indicando, ao mesmo tempo, a comunicação, a passagem do espaço profano para o espaço sagrado (ROSENDAHL, 1996, p.33).

Alguns dos geossímbolos[5] que compõem o sistema simbólico religioso da novena – cumpre frisar que estes não exercem papel em todas as celebrações ocorridas na Igreja – encontram-se dispostos fora do templo: a pia de água benta e uma gruta com a imagem de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Em decorrência da importância que os devotos outorgam a esses símbolos, questiona-se se a "passagem do espaço profano para o

[3] O carisma pode ser entendido como uma graça concedida por Deus a uma determinada pessoa em favor da Igreja. Geralmente está relacionado à pessoa dos santos católicos e posteriormente tende a ser institucionalizado através das ordens religiosas (BOFF, 1981).

[4] A sacralidade pode ser entendida como uma qualidade metafísica que se manifesta na matéria por meio da hierofania, definida por Eliade (1992, p.13) como a "manifestação de algo de 'ordem diferente' – de uma realidade que não pertence ao nosso mundo – em objetos que fazem parte integrante do nosso mundo 'natural', 'profano'". Não existe, portanto, uma diferença objetiva e material que distingue os elementos concernentes ao Profano e ao Sagrado. A natureza é, em sentido estrito, considerada profana, por ser matéria, contudo é apta à manifestação de uma sacralidade cósmica. É através do pensamento religioso que se constrói a divisa entre as dimensões Sagrado e Profano numa cosmovisão relativa que varia de acordo com as concepções do indivíduo e sua comunidade (ELIADE, 1992).

[5] Bonnemaison (2002) defende que a cultura penetra o espaço e desenha uma semiografia formada por sistemas espaciais, o que define como geossímbolos. É, pois, através dos geossímbolos que os territórios culturais e, dentre estes, os sagrados, fundam sua representação no espaço, dando suporte às relações estabelecidas pelos sujeitos (AUTOR, 2018).

espaço sagrado" acontece, nesse caso, apenas ao se adentrar na igreja, como sugere Rosendahl (1996).

O uso dos geossímbolos pelos fieis pode acontecer independente da celebração. Todavia, observa-se um "protocolo", em que, ao final década novena os fiéis se reúnem em torno da pia de água benta enquanto o Padre asperge dessa água, enviando bênçãos. As pessoas além de molharem o corpo, carregam consigo objetos, tais como, terços, chave de carro etc. crendo que o Espírito Santo irá derramar graça e proteção. A água que respinga não é mais matéria profana, tendo sido sacralizada pela oração do Padre.

No caso da gruta, os devotos, antes das celebrações, costumam se colocar defronte à imagem de Nossa Senhora, rogando por graças ou agradecendo pelas vitórias alcançadas por sua interseção, se preparando para o momento que seguirá com o início da novena.

> [...] Então, é, existem nas novenas pessoas de todos os níveis sociais. Cada pessoa que vem à novena vem trazendo um pouco do seu clamor, talvez a sua esperança, aquela certeza que diante daquela situação que a pessoa está enfrentando, seja em quais âmbitos forem, questão pessoal, questão familiar, questão financeira, questão de doença. Então, são muitas as situações que as pessoas trazem para rezar (MARTINS, 2017).

Os fiéis realizam uma trajetória mais ou menos definida: na chegada passam pela gruta, adiantando as intenções trazidas consigo; adentram à igreja, ou se acomodam próximos às entradas, para assistir a celebração; e, por fim, seguem para a pia de água benta para serem aspergidos com a mesma.

Esse itinerário não constitui uma máxima obrigatória e alguns fazem a sua própria ordem ou, até, não participam de todos estes momentos. A ausência de um formato fixo, pré-determinado, outorgando uma maior liberdade para os sujeitos é uma característica que a novena compartilha com o catolicismo de alcunha popular (AUTOR, 2018).

Outro traço marcante da convivência entre os símbolos do catolicismo regular e o popular, na novena, diz respeito aos ex-votos levados pelos fiéis como pagamento de promessas. O Padre Carlos Alberto confirma uma boa relação com as manifestações da fé popular. Acerca dos ex-votos[6] ele diz que os objetos representam as graças e servem como testemunho material alegando, inclusive, sua vontade de construir um espaço reservado para a exposição destes[7].

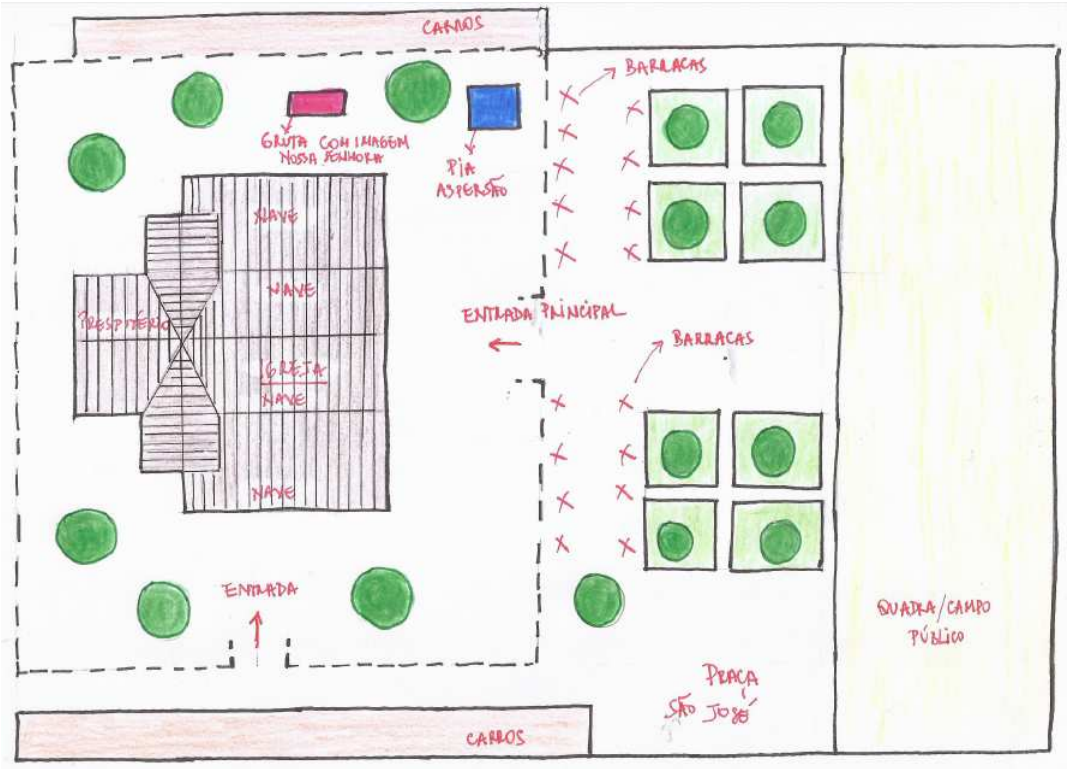
> [...] uma pena assim que a gente não tenha um espaço para ir guardando todo esse material, né, porque fizemos até a reforma na Igreja mas assim, a gente não tem espaço adequado exatamente para ir colocando esse material né, que seria essa casa dos milagres, para que essas pessoas pudessem, de fato, ter né, esses objetos no lugar aí de destaque (MARTINS, 2017).

[6] De acordo com Lody (2006), sobretudo os ex-votos figurativos, tais como as esculturas, carregam a plástica africana. Também, a ação e o pagamento do milagre, a troca "dar e receber", marca uma aproximação com a religiosidade afro, uma espécie de sincretismo que se incorpora na fé católica inicialmente por via popular e adentra ao espaço sagrado institucionalizado.

[7] Atualmente, uma parte destes ex-votos é deixada na gruta externa à igreja e a outra internamente, junto ao ícone de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Ao final das terças-feiras os ex-votos são recolhidos, daí o intento de se criar um espaço dedicado a estes (AUTOR, 2018).

A figura abaixo apresenta um croqui esquemático da implantação da Igreja de São José Operário – onde acontece a celebração de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro às terças-feiras –. Destaca-se a igreja, os geossímbolos e demais elementos do mundo profano e do mundo sagrado que se organizam na praça. O relato que sucede a imagem apresenta o território da Novena a partir da narração de um itinerário simulado.

Figura 1: Croqui esquemático da Igreja de São José Operário, e entorno, em um dia de novena.



Fonte: Autor (2018)

A experiência do fiel na novena: *estaciona o carro próximo à praça e o "flanelinha" logo diz que vai vigiá-lo – os "flanelinhas" criam territórios no entorno da Igreja, disputando espaço para conseguir seu "trocado", configurando uma das práticas profanas atrelada à novena –, caminha para a praça, observa as barracas e compra um lanche rápido – segunda atividade profana que depende da novena –, segue rumo a igreja mas antes vai até a gruta com a imagem de Nossa Senhora – primeiro geossímbolo, onde se reúnem fiéis para fazer pedidos e agradecimentos, há o depósito de flores, fotos, e outros ex-votos –, e depois para a igreja. Em pagamento por graça alcançada adentra o espaço sagrado de joelhos e assim o percorre até o final da celebração. No momento da comunhão, após o recebimento da hóstia, sobe até o altar e, na parede onde está fixada a cruz, escreve com o dedo o nome das pessoas que lhe pediram oração – segundo geossímbolo –. Em seguida, se dirige para próximo do ícone de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, réplica do*

original bizantino, e olhando nos seus olhos canta a consagração. Após a benção final se dirige até a pia de água benta – terceiro geossímbolo –, já fora da igreja, e lá é aspergida e se sente imersa no Sagrado, completando essa experiência religiosa.

A Igreja, através da novena, propõe que os seus efeitos sejam levados para a vida dos devotos, uma vez que se pretende partícipe da formação moral dos sujeitos, a partir do carisma de Maria. O *ethos* que provém do catolicismo é nutrido pela imagem da serva humilde, piedosa, a mãe da humanidade nessa cosmovisão. O Padre Carlos Alberto diz que é, também, seu papel atuar na formação da moralidade dos frequentadores, estimulando o "compromisso" social, ou seja, na vida cotidiana, no espaço profano.

> [...] a gente procura fazer uma catequese nessas pessoas, pra que o compromisso não fique apenas uma coisa devocional, mas que as pessoas possam assumir compromisso, né, enquanto cidadão, cidadã, essa questão de fazer o bem, esse compromisso em suas paróquias de origem, né, então a gente, é, essa preocupação também com a questão do social, então a gente ajuda pelo menos essas pessoas a refletirem um pouco sobre o compromisso de fé (MARTINS, 2017).

O trabalho assistencial que envolve a Igreja – enquanto instituição e comunidade religiosa –, constrói uma teia de relações baseadas em atividades do mundo profano – a assistência jurídica, médica, odontológica, ou qualquer outra que se coloque à oferta – cuja motivação é dada pela cosmovisão[8], assumindo dentro do sistema simbólico religioso parte do *ethos*.

Portanto, o que se observa é que a dimensão do sagrado intercepta a dimensão sociocultural e, é por meio dessa confluência que se forma a territorialidade da Novena de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Por sua vez, o território erigido pela celebração se desenha através dos geossímbolos do sagrado, e das atividades profanas – de comércio (barraquinhas) e serviços (flanelinhas) – que se desenvolvem no entorno, como observado na Figura 1.

Considerações finais

Respondendo às perguntas correlatas ao problema de pesquisa, tem-se que na novena, os geossímbolos assumem papel fundamental na sua constituição espacial da celebração, de modo que os momentos do culto podem ser marcados a partir do percurso realizado pelos fiéis rumo a cada geossímbolo: na entrada, a oração na gruta; na comunhão, a subida ao altar; no encerramento, a consagração junto ao ícone de Nossa Senhora; na saída, a aspersão na pia de água benta.

As mudanças na paisagem do entorno – carros estacionados ao redor da praça da igreja e ruas próximas; barracas montadas na praça para um comércio temporário, apoiado no movimento dos devotos; disputa dos "flanelinhas" pela clientela, nas ruas – consistem em outro aspecto definidor do território.

Já do ponto de vista da sociabilidade, marca-se o *ethos* da novena como o catalizador das relações constituídas pelos fiéis. A inspiração que é dada pelo carisma mariano se propõe a formar pessoas comprometidas com os mais necessitados, evolvendo-se em atividades assistenciais, dentro – aqui se

[8] Segundo a cosmovisão católica, o homem para chegar a Deus precisa amar o próprio Deus, mas, também, o seu próximo

destaca os serviços voluntários de advocacia, psicologia, etc. ofertados – e fora da Paróquia.

Contudo, avalia-se que este trabalho possa contribuir com a produção do conhecimento acerca da Geografia da Religião em Teresina, e, nesse contexto, estabelecer um olhar particular sobre a religiosidade, contribuindo para a valorização da identidade cultural concernente ao catolicismo, através das suas celebrações tradicionais e, por meio do conhecimento, possibilitar o reconhecimento da mesma como entidade cultural representativa para os teresinenses.

Referências

BAUER, M. W.; GASKELL, G. (orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. trad. Pedrinho Guareschi. 13 ed. Petrópolis: Vozes, 2015. p. 319-342.

BARDIN, Lawrence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BOFF, Leonardo. **Igreja, carisma e poder**. 2ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 1981.

BONNEMAISON, Joël Viagem em torno do território. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. **Geografia Cultural**: um século. Rio de Janeiro. EdUERJ, 2002. v.3.

CHAVES, Pe. Joaquim. **Como nasceu Teresina**. 2 ed. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1987.

DURKHEIM, Emile. **As Formas elementares de vida religiosa**: o sistema totêmico na Australia. São Paulo: Paulus, 2008.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2015.

GIL FILHO, Sylvio Fausto; GIL, Ana Helena Corrêa. Identidade religiosa e territorialidade do Sagrado: Notas para uma teoria do fato Religioso. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. **Religião, identidade e território**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 39-55.

LOYD, Raul. **O povo do santo**: religião, história e cultura dos orixás, voduns, inquices e caboclos. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2006.

MARQUES, Renan da Silva; DOURADO, Jacqueline L. Toda terça-feira tem: Estudo folkcomunicacional sobre o novenário da Vila Operária (Teresina-PI). **Revista Internacional de Folkcomunicação**, v. 11, p. 82-95, 2013.

MARTINS, Carlos Alberto. Entrevista concedida ao autor. Teresina, 16 nov. de 2017.

MARTUCCI, Elisabeth Márcia. **Estudo de caso etnográfico**. In: Revista de Biblioteconomia de Brasília, v.25, n.2, p. 167-180, 2001.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. trad. Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.

ROSENDAHL, Zeny. **Espaço e Religião**: uma abordagem geográfica. 2. ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996.

Recebido em 2020-10-09
Publicado em 2021-09-01